

## Intertextualidade e mudança tópica em “Abaixo as senhas!”

### Intertextuality and topic change in “Abaixo as senhas!”

Júlio César Michelucci Tanga\*

\* Universidade Estadual de Londrina (UEL).

#### Resumo

O escopo deste trabalho é analisar algumas das principais marcas estilísticas do cronista londrinense Paulo Briguet, presentes ao texto “Abaixo as senhas!”. O escritor, que se destaca há mais de dez anos nos cenários literário e jornalístico da cidade, tem um estilo caracterizado, entre outros fatores, pelo uso da intertextualidade e de mecanismos próprios de mudança de tópico discursivo, os quais muitas vezes dispensam os conectivos que lhes seriam comuns.

**Palavras-chave:** Estilística. Intertextualidade. Briguet. Tópico discursivo.

#### Abstract

*The scope of this article is to analyze some of Paulo Briguet's main stylistic features, which can be found in the chronicle “Abaixo as senhas!”. The writer, who has worked for more than ten years in the literary and journalistic scenes of the city of Londrina, state of Paraná (Brazil), has a style characterized, among other factors, by the use of intertextuality and specific mechanisms of discursive topic change, which many times disregard the connectives that would be common to them.*

**Keywords:** Stylistics. Intertextuality. Briguet. Discursive topic.

## 1 Introdução

O presente artigo tem como objetivo a análise estilística de uma crônica do escritor londrinense Paulo Briguet, cronista dos mais respeitados da cidade de Londrina e do estado do Paraná. Briguet formou-se em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 1993. É autor dos livros “Diário de Moby Dick” (em parceria com Paulo Lourenço – 1996), “Repórter das Coisas” (2002) e “Amanhã Escreverei à Joaninha” (em parceria com Jolinda Fenelon – 2003).

A crônica que nos servirá de *corpus* chama-se “Abaixo as senhas!” e foi publicada no *site*<sup>1</sup> da Internet em que, periodicamente, o escritor apresenta suas crônicas.

Este trabalho dispõe-se da seguinte maneira: na seção 2, apresenta-se a crônica a ser analisada. Na seção subsequente, demonstrar-se-á que o recurso à intertextualidade é uma das principais marcas estilísticas do autor, bem como a ironia e as metáforas / comparações, apresentadas, respectivamente, nas seções 4 e 5. Por derradeiro, tecer-se-ão algumas breves considerações a respeito do mecanismo briguetiano de mudança de tópico discursivo, também uma de suas marcas estilísticas.

## 2 Corpus

Abaixo as senhas!

Feliz é o homem que não tem senhas.

A senha nada mais é do que uma forma de provar que você é você mesmo.

Há 15 anos eu tenho a mesma senha numérica no Banco X. Mas agora inventaram outra, com letras. Qual será o próximo passo? Senha com assobios? Com batidinhas? Com risadas? Com caretas?

Eu trabalhava numa empresa que pagava o salário pelo Banco A, no qual tive que abrir uma conta. Só que a empresa decidiu trocar o Banco A pelo Banco B. Depois o Banco B foi vendido para o Banco C, que foi vendido para o Banco D, que acabou incorporado pelo Banco E. Foram cinco trocas de bancos em menos de cinco anos. E, a cada troca, eu precisava trocar de senha. Detalhe: com as combinações de números que eles, os bancos, escolhiam. Não é demais para um ser humano só?

Quantas vezes não digitei a senha do Banco A na senha do Banco B, ou a do D a do E, ou a do X na do C? Quantas vezes não misturei, todas as senhas e tive que desfazer um novelo de números (mais difícil que uma equação de quinto grau) para obter um simples extrato de conta corrente? Um extrato com saldo negativo, é claro.

E a coisa mais difícil do mundo – mais que escalar o Everest, mais que atravessar o Atlântico numa canoa, mais que acertar na Sena, mais que torcer para o Íbis – é encerrar uma conta bancária. Não existe senha para isso.

Até pouco tempo, existia a firma reconhecida. Ou seja: você tinha que pagar a alguém para provar que a sua assinatura era sua mesmo.

<sup>1</sup> <http://www.scalassara.com.br>

Senhas! Um dia vamos evoluir a ponto de termos apenas três: o olho, o polegar e a voz. Mas os ladrões vão querer roubá-las também. – *O olho ou a vida! – A mão ou a vida! – A voz ou a vida!*

Eu estive pensando: quando um homem morre, as senhas morrem junto com ele? Talvez aí comece a história de uma conta-fantasma.

Nos antigos filmes de espionagem, as senhas eram sempre elegantes: versos de Shakespeare, estrofes de *Divina Comédia*, passagens de Homero. Na vida real, as senhas são apenas combinações de números. Secas, frias, impessoais.

Mas existem as senhas da linguagem. Aquelas palavras ou expressões que precisamos dominar para ser admitidos em certos grupos. Quanto mais usadas, menos sentido têm. Algumas seriam até palavras boas, se não fossem tão desgastadas. É o esvaziamento da linguagem.

Senhas do governo: *justiça social, democracia participativa, responsabilidade social, cidadania, entidades representativas da sociedade civil, núcleo duro, urgência das reformas, “No futebol...”*.

Senhas econômicas e administrativas: *liquidez, Risco Brasil, flexibilização, agregar valor, quadro de colaboradores, reengenharia, quebra de paradigmas, espetáculo do crescimento*.

Senhas para a Internet: *download-se, escaneie-se, upgrade-se, maximize-se* – e digite aqui o número do seu cartão de crédito.

Estamos cercados de senhas: na rua, no trabalho, na família, na televisão, no rádio, no telefone...

*Um momento, senhor. Quem deseja?*

Logo, logo, precisaremos de senhas para ir ao banheiro dentro da nossa própria casa.

Para publicar esta crônica, tive que digitar uma senha.

Quero trocar já todas as minhas senhas!

Ah, se um dia a senha do banco fosse aquela música do Paulinho da Viola: *Dinheiro na mão é vendaval...*

A senha do plano médico poderia ser um pouco de sangue. Ou simplesmente a palavra “ai”.

*Há mais de meia hora / Que estou sentado à secretária / Com o único intuito / De olhar para ela:* esses versos de Álvaro de Campos dariam uma bela senha para minha secretária eletrônica.

Em pouco tempo haverá senha obrigatória para que os pais encontrem os filhos; para que os homens encontrem as mulheres; para que a noite venha depois do dia.

Está provado: o inferno tem senhas em todas as portas.

Senha para nascer e para acordar,

Senha para pensar e para falar,

Senha para ver e para ouvir,

Senha para beber e para comer,

Senha para andar e para deitar,

Senha para plantar e para colher,

Senha para guerra e para a paz,

Senha para conseguir a última senha.

### 3 A Exploração da Intertextualidade

Uma das características que marcam o estilo do escritor Paulo Briguet é, não restam dúvidas, o emprego recorrente do fator de coerência denominado intertextualidade. Como ensinam Koch e Travaglia (1990), a intertextualidade é o fenômeno pelo qual a constituição da coerência de um texto depende da evocação de outra unidade textual, com a qual o primeiro se comunica.

A intertextualidade pode ser de forma ou de conteúdo. Enquanto naquela o autor utiliza enunciados, trechos, expressões ou o estilo de determinado autor ou tipo de discurso, nesta as idéias, opiniões e informações de um texto dialogam com as de outro(s). Há que se destacar, ainda, a intertextualidade tipológica, que pode ser enquadrada como subtipo da intertextualidade de forma. Ocorre, nesse caso, a comunicação entre tipologias textuais, que se encontram e se misturam com o intuito de gerar determinado efeito de sentido.

Um exemplo de intertextualidade mista – de forma e de conteúdo – extraído da crônica *Abaixo as senhas!* é o trecho: “Senhas! Um dia vamos evoluir a ponto de termos apenas três: o olho, o polegar e a voz. Mas os ladrões vão querer roubá-las também. – O olho ou a vida! – A mão ou a vida! – A voz ou a vida!”.

Perceba-se que, na crônica “Abaixo as senhas!”, há um misto de crítica e de humor, o que é recorrente na produção briguetiana. O autor tece reflexões sobre um assunto residente na esfera do cotidiano – a utilização de senhas – e, de maneira subjetiva, faz-lhe críticas. No fragmento em questão, a mistura de crítica e humor é nítida. Briguet vislumbra uma evolução do homem no tocante às senhas (que seriam apenas o olho, o polegar e a voz), mas, em seguida, aponta outro problema: o do roubo desses “instrumentos”. A fim de criar um dinamismo maior e de reproduzir a realidade de maneira mais fiel, recorre ao discurso direto sem introdutor explícito<sup>2</sup>, no qual promove uma intertextualidade mista. O tipo de enunciado (com orações alternativas compreendendo ameaça) é peculiar ao discurso do bandido, bem como o conteúdo que ele veicula.

Outro exemplo de intertextualidade está neste trecho:

*“Ah, se um dia a senha do banco fosse aquela música do Paulinho da Viola: Dinheiro na mão é vendaval...”*

*Nesse caso, trata-se de uma intertextualidade de conteúdo explícita, haja vista que a fonte do texto citado é identificada. É interessante salientar que o recurso à intertextualidade tem um efeito estilístico importante na obra de Briguet. Ao mesmo tempo em que “alimenta” o seu ethos<sup>3</sup> culto, plural e artístico, ajuda a produzir um dos efeitos de sentido mais presentes à sua obra: a ironia. No fragmento acima, existe a referência direta a uma música do cantor e compositor Paulinho da Viola, a qual reproduziria, como Briguet deixa subentendido, a real condição da maioria das pessoas que têm conta em bancos. O autor do texto citante apropria-se da metáfora “vendaval” com o pro-*

<sup>2</sup> Termo utilizado por Maingueneau (2001, p. 145).

pósito de gerar o efeito irônico e de vincular as senhas às situações da realidade.

Essa intenção de tornar as senhas mais realistas e personalizadas também está neste excerto:

“Nos antigos filmes de espionagem, as senhas eram sempre elegantes: versos de Shakespeare, estrofes da Divina Comédia, passagens de Homero. Na vida real, as senhas são apenas combinações de números. Secas, frias, impessoais.”

A referência a outros discursos – filmes de espionagem, Divina Comédia, passagens de Homero etc. – é notória e novamente serve ao objetivo de veicular a mensagem de que há algo de errado com as senhas que utilizamos no nosso dia-a-dia.

Outra intertextualidade de conteúdo explícita utilizada pelo autor está neste trecho:

“Há mais de meia hora / Que estou sentado à secretária / Com o único intuito / De olhar para ela: esses versos de Álvaro de Campos dariam uma bela senha para minha secretária eletrônica.”

E é por meio dele que Briguet promove um dos recursos que mais se podem encontrar em suas crônicas: a promoção da subjetividade. A oscilação ente o mundo externo, objetivo, e o interno, subjetivo, é realizada de várias maneiras pelo escritor londrinense, e a intertextualidade – pela qual ele se insere diretamente no universo textual, revelando ao co-enunciador as suas preferências – é uma delas. Ver-se-ão outras em seções subseqüentes.

Não nos poderíamos furtar de analisar o efeito estilístico de outra intertextualidade (de forma) utilizada pelo autor. O último parágrafo da crônica é a consagração da intervenção subjetiva de Briguet. Uma leitura atenta do texto inteiro revelará que houve a intenção de transmitir ao co-enunciador a mensagem de que o cronista (o enunciador) inscreve-se numa situação de conflito. A tipologia dissertativa (que sobressai na crônica), típica de textos racionais e objetivos, tenta transmitir essa imagem, esse ethos, ao leitor. Já a tipologia poética, que é subjetiva e emotiva, é aquela que o autor “deixa escapar” ao final da obra. O hibridismo das tipologias engendra um efeito estilístico interessante: o do conflito entre o jornalista e o escritor, entre o homem e o observador<sup>4</sup>.

Senha para nascer e para acordar,  
senha para pensar e para falar,  
senha para ver e para ouvir,  
senha para beber e para comer,  
senha para andar e para deitar,  
senha para plantar e para colher,  
senha para guerra e para a paz,  
senha para conseguir a última senha.

#### 4 A Ironia Briguetiana

Outra das marcas estilísticas mais recorrentes de Paulo Briguet é a ironia, figura de linguagem que consiste, basicamente, em dizer ou escrever o contrário do que se realmente pensa. Na maior parte das vezes, a ironia na obra briguetiana tem cunho depreciativo e irônico, como se pode perceber em vários trechos da crônica aqui analisada.

A primeira ironia crítica observada está neste parágrafo:

“Há 15 anos eu tenho a mesma senha numérica no Banco X. Mas agora inventaram outra, com letras. Qual será o próximo passo? Senha com assobios? Com batidinhas? Com risadas? Com caretas?”

Note-se que, por meio de indagações que consideram o absurdo como algo passível de acontecer (senhas com assobios, batidinhas etc.), o autor critica, baseado em critérios subjetivos, a pluralidade de símbolos que caracteriza as senhas a que o homem moderno se submete, o que gera sobrecarga cognitiva.

Há outro excerto em que se observa uma ironia crítica. E, como a crônica é um estilo mais livre, em que o autor não precisa limitar-se ao tópico central a que se propôs abordar, o petardo é lançado contra a corrupção, e não contra as senhas em si, como é feito em praticamente toda a crônica:

“Eu estive pensando: quando um homem morre, as senhas morrem junto com ele? Talvez aí comece a história de uma conta-fantasma.”

Obviamente o autor não considera de fato a possibilidade de as senhas que morrem junto com o homem darem origem a uma conta-fantasma, como poderia sugerir o advérbio de dúvida “talvez”. Mas firma-se nesse trecho mais uma ironia, mais uma crítica tecida com humor e sarcasmo.

Briguet aproveita o assunto “senhas” para tocar em outros pontos nevrálgicos. Explorando a polissemia da palavra – que também pode significar terminologia técnica, incompreensível para leitores não iniciados –, ele critica a inacessibilidade de algumas expressões que, por serem de fundamental importância, deveriam ser compreendidas por todos, mas que, em decorrência do interesse<sup>5</sup> de uma classe minoritária, não o são:

“Senhas do governo: justiça social, democracia participativa, responsabilidade social, cidadania, entidades representativas da sociedade civil, núcleo duro, urgência das reformas, ‘No futeboL [...]’.”

É bastante interessante notar que, no trecho supra, o escritor elabora uma ironia da própria ironia. O último sintagma preposicionado (“No futebol”) faz menção ao conhecido hábito do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, de utilizar-se de comparações fu-

<sup>3</sup> Segundo Maingueneau (2001, p. 87), resgatando Aristóteles, o “ethos” são os “traços de caráter que o orador deve apresentar ao auditório”. No caso da enunciação indireta que se dá entre o cronista e o leitor, relaciona-se a este o epíteto “auditório”.

<sup>4</sup> É válido observar que o nome do último livro de Paulo Briguet (“Repórter das coisas”) também revela o conflito entre a objetividade do jornalista e a subjetividade do homem.

<sup>5</sup> O que Briguet aborda de maneira irônica e literária já foi discutido por inúmeros autores, entre os quais se pode citar Gnerre (2001, p. 23): “Assim como o Estado e o poder são apresentados como entidades superiores e ‘neutras’, também o código aceito ‘oficialmente’ pelo poder é apontado como neutro e superior, e todos os cidadãos têm que entendê-lo e produzi-lo nas relações com o poder”.

tebolísticas para explicar à população procedimentos e atitudes governamentais. Perceba-se que situar a introdução de um exemplo relacionado ao futebol – simples e facilmente compreendido por grande parte das pessoas mais simples – entre tantas outras expressões de caráter técnico constitui uma ironia da própria ironia que subjaz a todo o segmento textual.

No parágrafo subsequente, desenvolve-se o mesmo tipo de ironia quanto à “criptografia” de expressões, desta vez na área econômica:

“Senhas econômicas e administrativas: liquidez, Risco Brasil, flexibilização, agregar valor, quadro de colaboradores, reengenharia, quebra de paradigmas, espetáculo do crescimento.”

Aproveitando a enumeração de termos feita nesses parágrafos, Briguet prepara mais uma seqüência irônica. O alvo da crítica passa a ser a Internet (mais especificamente, a dificuldade que muitas pessoas encontram em dominar a terminologia empregada na rede mundial de computadores):

“Senhas para a Internet: download-se, escaneie-se, upgrade-se<sup>6</sup>, maximize-se – e digite aqui o número do seu cartão de crédito.”

O pronome apassivador que se une a todas as expressões (estrangeirismos técnicos) remete ao modelo sintagmático de frases optativas chulas (“dane-se”, “ferre-se”) que expressariam exatamente o que ocorre com quem desconhece os termos referidos. Nesse mesmo parágrafo, há a oração “digite aqui o número do seu cartão de crédito”, que estabelece mais uma crítica irônica: o dinheiro é a “chave”, é a “senha” para tudo, inclusive para a Internet, a qual supostamente representaria o acesso universal e democrático à informação.

## 5 Metáforas e Comparações

A presença de tropos é uma constante na crônica briguetiana. Entre eles, merecem destaque a metáfora e a comparação, figuras de linguagem que veiculam sentido basicamente pelo estabelecimento de relações de semelhança entre dois objetos. Tradicionalmente, distinguem-se as duas pela presença (comparação) ou ausência (metáfora) de conjunção subordinativa adverbial comparativa.

O quinto parágrafo abriga exemplos das duas manifestações:

“Quantas vezes não digitei a senha do Banco A na senha do Banco B, ou a do D a do E, ou a do X na do C? Quantas vezes não misturei todas as senhas e tive

que desfazer um novelo de números (mais difícil que uma equação de quinto grau) para obter um simples extrato de conta corrente? Um extrato com saldo negativo, é claro.”

É interessante notar que, por meio do emprego metafórico da palavra “novelo”, o autor aproxima do universo concreto um tema com o qual ele demonstra ter pouca familiaridade (números de senhas, no caso). Já a comparação, de cunho hiperbólico, apresenta, além do alto valor argumentativo, uma nuance humorística, recorrente na crônica briguetiana.

Comparação hiperbólica semelhante vê-se no parágrafo seguinte, em que se relaciona ao tema central da crônica o subtema “fechamento de contas bancárias”, próximo alvo da crítica irônica do autor:

“É a coisa mais difícil do mundo – mais que escalar o Everest, mais que atravessar o Atlântico numa canoa, mais que acertar na Sena, mais que torcer para o Íbis – é encerrar uma conta bancária. Não existe senha para isso.”

Dependendo do ponto de vista adotado, pode-se ver essa seqüência de comparações como uma gradação de tonalidade expressiva ascendente, cuja ponta “maior” é a torcida para o time Íbis, tarefa que o autor, também ironicamente, considera de dificuldade exacerbada.

Há outro parágrafo em que, à maneira de como ocorre no quinto, Briguet se utiliza da metáfora para figurativizar, concretizar o objeto central de sua crítica. Em verdade, trata-se de uma seqüência de três adjetivos, dos quais os dois primeiros empreendem uma sinestesia. Veja-se:

“Nos antigos filmes de espionagem, as senhas eram sempre elegantes: versos de Shakespeare, estrofes da Divina Comédia, passagens de Homero. Na vida real, as senhas são apenas combinações de números. Secas, frias, impessoais.”

A mistura de percepções visuais e táteis que se vê em secas e frias, além de conferir um colorido literário à crônica, demonstra uma “tentativa” do autor de, mais uma vez, trazer à realidade concreta<sup>7</sup> o objeto abstrato e impessoal a que se faz as principais críticas.

A mesma habilidade que se vê na “concretização” do objeto “senha” pode ser encontrada no intento oposto: no de “tematizar”, ratificar a abstração do que se mostra confuso e inacessível. Por meio de um acurado trabalho com a linguagem, o cronista promove um simulacro da realidade opaca a que deseja referir-se, como se vê neste parágrafo:

Entretanto, o autor assinala: “A linguagem pode ser usada para impedir a comunicação de informações para grandes setores da população. Todos nós sabemos quanto pode ser entendido das notícias políticas de um Jornal Nacional por indivíduos de baixo nível de educação. A linguagem usada e o quadro de referências dado como implícito constituem um verdadeiro filtro da comunicação de informações: estas podem ser entendidas somente pelos ouvintes já iniciados não só na linguagem padrão mas também nos conteúdos a ela associados. Assim, também, se a televisão e o rádio alcançam uma enorme difusão, a comunicação de notícias e informações fica restrita a grupos relativamente reduzidos entre os quais têm acesso aos instrumentos de tais comunicações”.

<sup>6</sup> A palavra “upgrade” é geralmente utilizada como substantivo. Pospondo-lhe o pronome reflexivo “se”, Briguet cria uma derivação imprópria, transformando-a em verbo. Assim, transmite a mensagem de que todas essas palavras são realmente “senhas”, “códigos” aos quais somente leitores autorizados têm acesso. Para mais informações sobre a derivação imprópria, ver Cunha e Cintra (1985).

<sup>7</sup> Lapa (1998, p. 101) trata do valor estilístico dos artigos definido e indefinido. A presença do primeiro, afirma o estudioso, pode gerar a mesma noção de concretude a que aludimos aqui. Segundo ele, o artigo pode gerar o efeito de “lançar sobre a representação mais visualidade e familiaridade”. Isso pode ser percebido na utilização do artigo definido no segundo parágrafo do texto, o qual, por se tratar de uma definição introdutória, dispensaria o uso de tal termo gramatical (A *senha nada mais é do que uma forma de provar que você é você mesmo*). Note-se que, precedido de artigo, o substantivo “senha” ganha vida, ganha proximidade. É como se ao leitor já tivesse sido apresentada a senha fria e impessoal a que o autor se referirá por todo o texto.

“Eu trabalhava numa empresa que pagava o salário pelo Banco A, no qual tive que abrir uma conta. Só que a empresa decidiu trocar o Banco A pelo Banco B. Depois o Banco B foi vendido para o Banco C, que foi vendido para o Banco D, que acabou incorporado pelo Banco E. Foram cinco trocas de bancos em menos de cinco anos. E, a cada troca, eu precisava trocar de senha. Detalhe: com as combinações de números que eles, os bancos, escolhiam. Não é demais para um ser humano só?”

*Não se trata aqui propriamente de metáforas, mas de uma apropriação de outra variante lingüística (linguagem técnica empregada em sistemas científicos formais, como a Matemática) para gerar o efeito expressivo desejado. Diante de tantas letras, de tanta exigência intelectual, o leitor pode sentir o mesmo cansaço, o mesmo desalento que o autor refere ter sentido.*

## 6 A Mudança de Tópico

*Outra característica importante da obra do escritor londrinense são as divisões gráficas (por meio de asteriscos) que ele faz dos tópicos discursivos. Esse recurso tem uma importância muito grande na produção de sentido da obra briguetiana, uma vez que permite a ruptura seqüencial, que lhe é típica.*

*Como o autor – jornalista e ex-estudante de Filosofia – consegue percorrer em um mesmo texto os caminhos do banal, do filosófico e do emocional, a divisão gráfica dos tópicos discursivos tem a utilidade de, por exemplo, interromper uma seqüência que, à primeira vista, seria impessoal para interpor-lhe um trecho altamente subjetivo, como se vê abaixo:*

*“Feliz é o homem que não tem senhas.*

\*\*\*\*\*

*A senha nada mais é do que uma forma de provar que você é você mesmo.*

\*\*\*\*\*

Há 15 anos eu tenho a mesma senha numérica no Banco X. Mas agora inventaram outra, com letras. Qual será o próximo passo? Senha com assobios? Com batidinhas? Com risadas? Com caretas?”

Ademais, por meio desse recurso, ele consegue inserir no corpo textual algum comentário ou enumeração que, num texto convencional, exigiriam frase introdutora ou recurso gráfico parentético. Essa independência textual vê-se abaixo:

*“Mas existem as senhas da linguagem. Aquelas palavras ou expressões que precisamos dominar para ser admitidos em certos grupos. Quanto mais usadas, menos sentido têm. Algumas seriam até palavras boas, se não fossem tão desgastadas. É o esvaziamento da linguagem.*

\*\*\*\*\*

*Senhas do governo: justiça social, democracia*

*participativa, responsabilidade social, cidadania, entidades representativas da sociedade civil, núcleo duro, urgência das reformas, “No futebol...”.*

\*\*\*\*\*

*Senhas econômicas e administrativas: liquidez, Risco Brasil, flexibilização, agregar valor, quadro de colaboradores, reengenharia, quebra de paradigmas, espetáculo do crescimento.”*

Repare-se que não há elemento coesivo explícito unindo ao primeiro desses parágrafos os dois subsequentes. Entretanto, com a “liberdade” proporcionada pelos asteriscos, a coesão dá-se naturalmente, como se o leitor desse a Paulo Briguet o direito de inserir a informação que bem entender sem a necessidade de “avisos” conectivos.

Também não se pode ignorar o fato de que tal recurso contribui para a reflexão filosófica do autor, que por vezes interrompe a seqüência textual para inserir breves comentários parentéticos que ora são reflexivos, ora cômicos, como atesta este exemplo:

*“Senhas! Um dia vamos evoluir a ponto de termos apenas três: o olho, o polegar e a voz. Mas os ladrões vão querer roubá-las também. – O olho ou a vida! – A mão ou a vida! – A voz ou a vida!*

\*\*\*\*\*

Eu estive pensando: quando um homem morre, as senhas morrem junto com ele? Talvez aí comece a história de uma conta-fantasma.

\*\*\*\*\*

*Nos antigos filmes de espionagem, as senhas eram sempre elegantes: versos de Shakespeare, estrofes da Divina Comédia, passagens de Homero. Na vida real, as senhas são apenas combinações de números. Secas, frias, impessoais.”*

*Note-se que o autor interpõe ao primeiro e ao terceiro parágrafo (que poderiam se organizar em seqüência) um comentário cômico, o qual, por estar isolado graficamente, adquire feição parentética<sup>8</sup> naturalmente.*

*Como se pode perceber, o recurso dos asteriscos, presente à maioria das crônicas de Paulo Briguet, confere-lhe liberdade. Liberdade de dar vazão aos pensamentos e à alma sem se submeter ao jugo formal das marcas lingüísticas coesivas, como se estas inibissem o processo criativo e o encadeamento poético das idéias do autor<sup>9</sup>.*

## Referências

CUNHA, C.; CINTRA, L. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

JUBRAN, C. C. A. S. *Parênteses: propriedade*

<sup>8</sup> Os parênteses são uma modalidade de inserção tópica que consiste, segundo Jubran (1994, p. 411), numa “estratégia de construção do texto falado, pela qual se operam, na linearidade discursiva, encaixes, com extensão e funções variadas, de informações que se desviam do tópico em proeminência em determinado segmento textual, promovendo, conseqüentemente, descontinuidade da progressão temática”.

<sup>9</sup> Sobre mudança de tópico, ver Marcuschi (1999).

identificadoras. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e progressão tópi-

ca: aspectos cognitivos e textuais. In: JORNADA DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE (GELNE), 12., Fortaleza, 1999. *Anais...* Fortaleza: UFPE, 1999.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

---

**Júlio César Micheçucci Tanga\***

Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

e-mail: <tanga@sercomtel.com.br>

**\* Endereço para correspondência:**

Rua Sergipe, 1468, ap.1102. – CEP 86020-330 – Londrina, Paraná, Brasil.

---